

O CONCEITO DE NÃO-CORPO NO PROCESSO CRIATIVO DO ATUANTE CÊNICO

Diego Augusto Pereira da Rocha¹

Introdução: Deve ser breve e justificar o problema estudado de forma clara, utilizando-se revisão de literatura. O último parágrafo deve conter os objetivos do trabalho realizado.

É comum lermos ou ouvirmos experiências onde o atuante cênico descreve buscar, a partir de seu corpo, um outro nível de energia, um outro estado físico, como caminho para obtenção de um corpo cênico. A partir destas observações, uma inquietação começou a ser construída: que estado ou corpo é este que está presente durante o processo criativo do atuante? É possível caracterizar este fenômeno através de um conceito? Como se dá esta instância corpórea/corporal?

Durante a pesquisa sobre o processo de construção/desconstrução/reconstrução corporal de Tatsumi Hijikata na prática da dança Butoh, em meio as suas falas e sua busca por um estado de morte, da morte para encontrar o seu corpo que dança, enfermo, doente etc. Foi possível perceber que este estado que os atuantes cênicos buscam na criação de um personagem, ou melhor, do corpo de uma personagem, pode estar inserido em uma camada que talvez perpassa por uma dialética da negação, que a princípio é proposto nesta pesquisa enquanto “não-corpo”.

A presente comunicação oral é o compartilhamento de uma proposta de conceituação sobre o corpo enquanto ferramenta/objeto/fenômeno presente no processo criativo do atuante cênico na perspectiva de um “não-corpo”. Esta pesquisa teve início durante o mestrado (2016-2018), na ocasião dedicava-me a investigar sobre o processo de construção corporal de Tatsumi Hijikata para a criação de sua dança Butoh e atualmente ela está tendo continuidade no decorrer da

¹ Doutorando do curso de Artes UFPA-ICA-PPGARTES, integrante do grupo de pesquisa Arte Corpo e Conhecimento - PPGARTES-UFPA, mestre em Artes pela UFPA-ICA-PPGARTES e graduado em Licenciatura em Teatro pela UFPA.



pesquisa no doutorado, na perspectiva de uma construção corporal que está em trânsito com a concepção de “não-corpo” e a construção do corpo que dança Butoh.

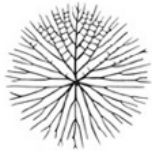
A partir das preposições conceituais sobre “não-lugares” de Marc Augé, “desterritorialização” de Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Suely Rolnik e Kuniichi Uno, perfaço uma leitura da relação destes dois conceitos afim de identificar como ocorre o processo de construção/desconstrução/reconstrução do corpo/“não-corpo”, configurado como estado cênico do atuante.

Metodologia: Deverá ser explicitada sucintamente a metodologia utilizada para o trabalho apresentado.

A abordagem da presente pesquisa caracteriza-se como **qualitativa**, uma vez que visa “o aprofundamento da compreensão [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31) do objeto, que aqui, direciona-se a investigação sobre o processo criativo do atuante cênico, denominado de “não-corpo”. O método a ser utilizado é o **dedutivo**, no qual “a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo” (KARUARK, 2010, p. 26), fazem-se de importante valor, haja vista que proponho realizar uma análise crítica a respeito da concepção de corpo em diálogo com a compreensão de “não-lugares” e de “desterritorialização”. O procedimento técnico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa é a **pesquisa bibliográfica**, uma vez que, o material a ser utilizado para subsidiar a coleta de dados e conseguinte a escrita da hipótese levantada refere-se a “[...] material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, [...], material disponibilizado na internet” (KARUARK, p. 28).

Resultados e discussão: Analisar, avaliar e discutir os resultados apresentados. (Não se trata do resumo do trabalho).

Em seu livro “Não Lugares” Marc Augé analisa/aborda/compreende o não-lugar enquanto instalações pertinentes ao trânsito, seja ele de pessoas ou bens, o mesmo também compreende o corpo humano como uma porção de espaço, o que nos traz a percepção deste enquanto passível de existir na perspectiva de lugar e posteriormente, de não-lugar (AUGÉ, 2012).



A concepção de desterritorialização utilizada, baseia-se primeiramente nos escritos colaborativos de Gilles Deleuze e Félix Guattari e posteriormente na parceria de Félix Guattari e Suely Rolnik. Porém, em segunda instância, para tratar de corpo, me aproximo da concepção de desterritorialização do corpo, ou de corpo desterritorializado proposta por Kuniichi Uno - orientando de Gilles Deleuze. “A dança não somente desloca ou ‘desterritorializa’ a imagem do corpo” (UNO, 2012, p. 15), onde este passa a ser, ou pertencer, a uma potência criadora e esta concepção aproxima-se do entendimento de corpo a qual desenvolvo no decorrer desta pesquisa para tratar posteriormente do “não-corpo”.

Ao compreender o corpo do atuante cênico como um espaço que co-habita ficcionalmente com e entre os outros corpos - a partir da múltipla construção de personagens de forma interpretativa ou representativa - e com o próprio corpo, fazendo uma teia de relações que se conectam e geram um diálogo, percebemos que é nesta instância que pode se configurar o “não-corpo”. Marc Augé (2012, p. 58) alega que “(...) o próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com fronteiras, centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos. (...) o corpo é um espaço compósito (...)”. Este estado no qual o atuante cênico se deixa “transitar” na perspectiva de um processo criativo de construção e desconstrução de seu corpo é o que possibilita a leitura da existência de um “não-corpo”.

Neste caso, o atuante cênico, a sua natureza, alcança a condição de não-corpo onde as conexões acontecem, assim como o não-lugar. O “não-corpo” é constituído de um constante habitar-se-desabitar-se-rehabitar-se, é um território que se desterritorializa-se e reterritorializa-se, breve conexão poética com a morte e sua potência de resistir à vida e sua capacidade de recriá-la.

Conclusões: Elaborar com o verbo no presente do indicativo, em frases curtas, sem comentários adicionais e com base nos objetivos e resultados.

Compreender a construção da concepção filosófica de um “não-corpo” dentro do processo criativo do atuante cênico.

Palavras-chave: Desterritorialização, não lugares, não-corpo, teatro, dança.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Referências Bibliográficas: Apenas para bibliografia citada. Espaço simples, sem espaço entre as citações e sem recuo. Seguir ABNT.

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 12. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido.** 2ª ed. São Paulo: N-1 edições, 2012.